

A ESCOLA DOS ANNALES E AS AMÉRICAS LATINAS (*) — (1929 — 1949)

Guy MARTINIÈRE

Ao apresentar a tábua analítica de "Vinte anos de história econômica e social" de *Annales* publicada em 1953, Maurice A. ARNOULD constatava o quanto esta Revista constituía, "potencialmente, um notável instrumento bibliográfico". E ele acrescentava: "se os *Annales*... desfrutaram de uma audiência excepcional, também fizeram passar sobre a produção científica da maioria dos países uma curiosidade mais insaciável do que nenhuma outra" (1). Ora, na análise da produção científica concernente à América Latina, a parte ocupada por esta revista, de 1929 a 1948, parece efetivamente espantosa na produção histórica francesa. A América Latina, na própria emergência da nova concepção de História proposta como um desafio pela "escola dos *Annales*", ocupou um terreno privilegiado, trabalhado intensamente por numerosos colaboradores da revista, e não dos menores.

1. — O espaço ocupado pela América Latina na revista.

Desde o primeiro ano de seu aparecimento, o segundo volume trimestral dos *Annales d'Histoire Economique et So-*

(*) Comunicação apresentada no Colóquio de Torun, Polônia, (1978), sobre "A Imagem da América na Europa nos séculos XIX e XX" e promovido pela Associação Européia de Historiadores Latino-americanistas.

1) Maurice A. ARNOULD: introduction à *Vingt années d'histoire économique et sociale. Table analytique des 'ANNALES' fondées par Marc BLOCH et Lucien FEBVRE (1929-1948)*, p. 6. Paris: A. Colin, 1953, 345 pp. (avec la collaboration de Vital CHOMEL, Paul LEUILLOT, André SCUFFLAIRE, augmentée des tables et index 1949-1951).

cial, consagrava, por exemplo, vinte páginas densas de Lucien FEBVRE a traçar o quadro de trabalhos que foram “por muito tempo o apanágio unicamente dos etnógrafos” mas que um interesse de novel e bom quilate alargava para outras disciplinas a tal ponto “que um pouco por toda parte — constatava nesse autor — começa-se a experimentar um pouco de curiosidade diante dos múltiplos problemas que apresentam à ciência de hoje a história e a geografia desse imenso continente...” (2) Em suma, desde sua criação, os *Annales* atraíram a atenção de seus leitores para “um campo privilegiado de estudos: a América do Sul”. Em 1948, vinte anos após, o volume do último trimestre dos novos *ANNALES: Économies — Sociétés — Civilisations* propunha — coisa única um número especial da revista inteiramente consagrado ao continente “latino” do Novo Mundo, trazendo o significativo título de “Através das Américas Latinas”. Se Lucien FEBVRE se desculpava de só poder apresentar em “duzentas páginas... a América do Sul diante da História”, ele se comprazia em recordar porém quanto o seu artigo de 1929 permanecia sempre “o programa mesmo ao qual responde nosso número especial de hoje...”: “pôr ao alcance de nossos leitores todo um domínio, mal explorado ainda, da vida e da experiência dos homens..., enriquecê-los com as primeiras conquistas da história sobre esse vasto campo do desconhecido” (3) continuava sendo uma tarefa prioritária, parcialmente cumprida, todavia. Assim, tal continuidade de preocupações de 1929 a 1948 tinha permitido a quarenta e três colaboradores diversos encontrar o meio de se exprimir sobre a América Latina, dando conta de trabalhos publicados por cerca de duzentos autores. Em 3.763 contribuições recenseadas na tábua analítica, aproximadamente duzentas se referiram direta ou indiretamente a nosso assunto, ou seja, 5%, em números redondos, do conjunto dos artigos. E uma quinzena de “artigos de fundo” especializados era consagrada precisamente a esse continente sobre os 25 que se lhe referiam. É

- 2) Lucien FEBVRE: “Un champ privilégié d'études: l'Amérique de Sud”, (p. 258), *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, 1929, pp. 2258-2782.
- 3) Lucien FEBVRE: “L'Amérique du Sud devant l'Histoire” (p. 391), introduction à “quarante huit études, essais, comptes rendus et mises au point”. “A travers les Amériques Latines”, *Annales E. S. C.*, oct.-déc. 1948, pp. 385-576. Ajuntando as notas e resenhas do número de janeiro-março de 1949 consagradas a “O homem e a natureza na América meridional” assim como diversas notas complementares, o conjunto desse número especial foi objeto de uma publicação separada dos *Cahiers des Annales*, n.º 4, 1949, 203 pp.

evidente que as contribuições regulares de vários colaboradores habituais da revista se apresentavam como a prova do interesse permanente pela América Latina demonstrado pelos membros de seu comitê de redação e por seus próprios diretores (4). Desse modo, Lucien FEBVRE assinou 59 textos referindo-se à América Latina, Fernand BRAUDEL, 23; Paul LEUILLOT, 17; Pierre BONBEIG, 9; etc. Mas as assinaturas de historiadores ou de pesquisadores de reputação reconhecida, trazendo à revista sua colaboração mais regular, como Henri HAUSER, Albert GIRARD, André E. SAYOUS, Earl J. HAMILTON, Max SORRE, Abel CHATELAIN, etc., freqüentemente sob a forma de artigos de fundo, refletiam o avanço de trabalhos pessoais e contribuíam para traçar certas vias que jovens pesquisadores poderiam, por sua vez, desbravar.

De fato, nesses vinte anos de publicação dos *Annales*, a partir de um "programa", quase um manifesto, escrito por Lucien FEBVRE em 1929, iam destacar-se duas grandes correntes de aplicação: uma, da Europa, de seus arquivos organizados e classificados, questionava o Novo Mundo a fim de reescrever uma história européia em plena mutação (nesse sentido, a história colonial da América luso-hispânica e francesa revela-se um ponto forte dessa "revisão"); a outra, menos eurocêntrica, muito mais "americanista", fez da própria América uma terra de missões de que o caso brasileiro se mostra exemplar. Se a ligação ainda privilegiada com a Europa era mantida para além das questões de transferência de metais preciosos, de relações comerciais — e a análise da troca dos produtos se apresenta como um ponto forte

4) Por "América Latina" compreendemos não apenas a área cultural luso-hispânica tradicional, mas também os territórios de língua francesa e inglesa situados ao Sul do Rio Grande. Uma definição bastante discutível: mas era preciso escolher. Alias, não foi possível contabilizar o número exato de páginas consagradas pela Revista ao nosso assunto. A diversidade dos temas tratados, quer de maneira geral, quer a partir de trabalhos centrados sobre a península ibérica ou a Europa mas concernindo também ao continente, tornava a nossos olhos essa tarefa dificilmente realizável no quadro desta comunicação. Em compensação, a repetida participação de numerosos autores tratando de um assunto determinado cultural e geograficamente facilitava a nossa escolha. Não cabe dúvida de que é possível melhorar essa primeira aproximação. Seu único mérito está em existir, enquanto se espera que trabalhos de historiografia concernentes ao conjunto da Revista permitam a possibilidade de melhor cercar a questão. Enfim, se o "modernista" Lucien FEBVRE achou na história da América do Sul um tema ideal, o medievalista Marc BLOCH nada escreveu sobre esse assunto, embora hispanizante convencido. Todavia, as descobertas escandinavas do Novo Mundo encontraram nele um "resenhista" compreensível...

da primeira escola dos *Annales* em detrimento talvez das relações de produção —, esta segunda corrente esboça o estudo da realidade latino-americana em e por si mesma. Ela inspiraria profundamente os temas de pesquisa da geração de jovens historiadores formados durante e após a Segunda Guerra Mundial, que trouxeram suas contribuições primeiras ao número especial de 1948. Essa geração não se obstinou então em fazer de modo que se pusesse um fim à “era dos pioneiros” (P. CHAUNU) e que o americanismo histórico pudesse se afirmar como tal no mundo — fechado — dos historiadores? Mas a lição de Lucien FEBVRE não se achava então ultrapassada pelos êxitos mesmos obtidos pela realização do programa inicialmente traçado? Todavia, tal programa, que era ele, qual era a sua originalidade?

2. — O programa de 1929: a América do Sul, campo privilegiado de estudos.

Por que então, aos olhos de Lucien FEBVRE, a América do Sul — ele sempre hesitou em empregar o termo “América Latina” — era tida tão apaixonadamente como o objeto de um “campo privilegiado de estudos”? A publicação de seu artigo de 1929 não tinha nada de “fortuito”: correspondia a uma tríplice preocupação. A primeira preocupação, conjuntural, estava ligada a um “despertar de curiosidades” mais e mais precisas que havia provocado a edição de um “lote de livros sobre a América do Sul”. Esse despertar não se referia apenas aos historiadores, mas os obrigava a assumir seu lugar nas diferentes disciplinas. Mas esse mesmo despertar — eis a segunda preocupação — merecia ser bem compreendido: o interesse voltado para a América Latina implicava uma lição de método e constituía “um campo precioso de experiências e de comparações... rico de ensinamentos”. O que só podia ser concretamente empreendido em função do nascimento — imperativo — de uma “formação” (terceira preocupação). Seu artigo se queria, pois, exemplar: “sem que insistíssemos mais, concluía ele, eis quem, para todos os trabalhadores curiosos por estudar um mundo ainda tão mal conhecido, indica um método e deve impor uma formação” (5). Um território ideal de algum modo para apanhar por inteiro o “ofício de historiador” (Marc BLOCH).

5) Lucien FEBVRE, *op. cit.*, p. 278.

O artigo-programa de Lucien FEBVRE possuía ele próprio valor da metodologia e de epistemologia: "quer a gente se prenda ao homem ou à terra, às sociedades ou a seu quadro natural, quer seja etnógrafo ou pré-historiador, lingüista ou arqueólogo, historiador ou economista: os problemas surgem às dezenas. E não se trata de pequenos problemas limitados, daqueles cuja solução só interessa aos estudos locais... Um continente que foi a testemunha e o lugar de tais e tão profundas mudanças e cujas paisagens mesmas atestam aos nossos olhos, ao mesmo tempo, a fraqueza e a potência da iniciativa humana; um continente que, às nossas portas de europeus, às portas, muito mais ainda, dos homens de ciência sul-americanos, oferece tais contrastes, tais oposições: é mister não se espantar com o fato de que trabalhadores se apliquem a estudá-lo; é necessário escandalizar-se com o fato de que ele não seja estudado mais sistematicamente, de que não se saiba, mais e melhor, aproveitar das experiências já realizadas, das comparações já instituídas que ele oferece, com tal abundância, a curiosidades ainda por demais preguiçosas" (6).

De fato, Lucien FEBVRE estava inclinado a propor de início os problemas "da terra" e em seguida os problemas "dos homens". E isso, explicitamente, no espírito mesmo de sua obra principal sobre *La Terre et l'Évolution Humaine — Introduction Géographique à l'Histoire*, publicada sete anos antes. Nesta série de notas bibliográficas de informações propondo em si mesmas questões e problemas, que faziam explodir o conceito de civilização numa variedade de tipos diferentes e numa diversidade certa em relação às formulações européias em que a noção evolutiva 'tempo-espaço' assumia outra dimensão, sua reflexão antropológica sobre o homem americano antes da conquista encontrava nos trabalhos etnolingüísticos de Paul RIVET os seus fundamentos (7). Mesmo a hipótese demográfica de uma estimativa mui "lascasiana" da população ameríndia — os 40 a 45 milhões de

6) Ibidem, p. 258 e 261.

7) Uma excelente análise sobre o conceito de civilização em Lucien FEBVRE, mais particularmente sobre "os limites de nossa civilização", "a civilização global" e o "pluralismo das civilizações em nós", foi realizada por Hans-Dieter MANN em: *Lucien FEBVRE, la pensée vivante d'un historien*, pp. 42-56 e 93-101. Paris: A. Colin, 1971, 190 pp., *Cahiers des Annales* n.º 31, prefácio de F. BRAUDEL. Pode-se encontrar também nesse ensaio boas páginas sobre as relações de FEBVRE com VIDAL DE LA BLACHE, Henri BERR e DURKHEIM. Mas o pensamento econômico do co-fundador dos *Annales* está curiosamente ausente desse trabalho...

habitantes —, fundamento dos trabalhos da escola americana de Berkeley nos anos 50 e confirmada pelos estudos de Nathan WACHTEL sobre o mundo incaico, achava-se mencionada. Passando do quadro natural agindo e reagindo sobre os homens em função de um tempo plurissecular à apresentação do mundo ameríndio das sociedades primitivas e de estado, passando dos problemas da descoberta aos da conquista, L. FEBVRE apresentava estudos de Auguste CHEVALIER, Paul RIVET, Alfred METRAUX, do Coronel LANGLOIS, de Louis BAUDIN, Lucien GALLOIS, Karl H. PANHORST, etc.

Nesse conjunto de resenhas, o fio direto das relações entre a economia e a história aparecia como dominante e se via mais ainda valorizado por algumas páginas mais importantes do artigo consagradas à apresentação dos trabalhos de André E. SAYOUS sobre os problemas da história do comércio, mais particularmente sobre a moeda e sobre o câmbio. A moeda, os metais preciosos, um problema fundamental que preocupava o mundo de 1929 e que será um dos temas essenciais de reflexão dos *Annales* durante uma dezena de anos, opondo estruturalistas a monetaristas, achava-se já posto e mui bem posto nesse continente produtor de metais, exportados, e carecendo cruelmente de divisas em suas relações comerciais. Depois, Lucien FEBVRE não podia concluir seu artigo-programa sem uma evocação de trabalhos geográficos. Referência admirativa era feita então em face da obra de Pierre DENIS sobre *A América do Sul*, em dois volumes, publicada na célebre coleção "Géographie Universelle" concebida por VIDAL de la BLACHE e dirigida por L. GALLOIS. Mesmo que uma reflexão de síntese parecesse um tanto negligenciada nesse trabalho de "importância", a prodigiosa variedade dos "gêneros de vida" evocada permitia-lhe retomar seu tema inicial sobre a variedade e os contrastes continentais onde "a civilização acotovelava a selvageria". O *Trocadero* dos etnógrafos reencontrava assim todos os seus direitos. "Para nós, quem quer que sejamos, — concluía então Lucien FEBVRE — pré-historiadores ou etnógrafos, historiadores ou geógrafos, curiosos do presente ou investigadores do passado, é excelente que existam americanistas especializados no estudo de um mundo amplamente original. Mas o seu labor perderia três quartos de seu interesse se ele se fechasse, sem nenhum cuidado com aproximações necessárias, nos limites por mais vastos que fossem de um continente que o mar isolara, mas que também aproximara do mundo oceânico, da Ásia e, numa época mais recente,

bruscamente, da Europa e da África. Os problemas que propõe às nossas disciplinas e às nossas curiosidades respectivas tal continente tão pleno de uma vitalidade ainda mal regulada não são verdadeiramente interessantes, não são dignos de atrair cada vez mais nossa atenção, senão porque encontram alhures os seus análogos" (8).

3. — As primeiras aplicações do programa

Após a publicação de seu artigo-programa de 1929, apreciando outras obras sobre a América Latina, Lucien FEBVRE voltou à carga em várias ocasiões e de maneira explícita. Seus comentários sobre o livro de André SIEGFREID, *L'Amérique Latine*, intitulados "Para compreender a América do Sul" e publicados em 1934, eram da mesma inspiração que o seu artigo e as observações que consagra aos trabalhos de Alfred METRAUX sobre a Ilha de Páscoa e sobretudo aos de Jacques SOUSTELLE acerca do mundo meso-americano dos grandes impérios, em 1938, reconciliaram-no com o aprobecho econômico das sociedades de estado ameríndias que tanto o haviam decepcionado à leitura das problemáticas de Louis BAUDIN. De fato, o seu conhecimento íntimo do mundo hispânico que sua tese sobre *Philippe II et la Franche-Comté* tinha levado a empreender, o fez tornar-se sensível aos estudos de numerosos ensaístas latino-americanos de língua espanhola e esse interesse se manifestou nas resenhas críticas de obras de Ricardo LEVENE, Hugo BARBAGELATA, ou Alfonso Teja ZABRE: A América espanhola, a da Bacia do Prata, aliás, mais do que o confuso México, atraiu particularmente a sua simpatia, uma simpatia que nada retirava à aproximação das Antilhas francesas às quais numerosos trabalhos de história colonial — Lucien FEBVRE apresentou nos *Annales* de 1932 as "lições" da Exposição Colonial Internacional de Paris — eram consagrados (9). Com efeito, essa atração pelo

8) Lucien FEBVRE, *op. cit.*, p. 278.

9) Lucien FEBVRE consagrou de fato numerosas notas às Antilhas francesas e ao império francês da América. É verdade que a atividade dos portos franceses de Bourdeaux, Nantes, etc. se achava descrita com minúcia na historiografia francesa dos anos trinta e que suas relações privilegiadas com a Martinica e Guadalupe mas também Haiti-São Domingo abriam uma larga porta para o Novo Mundo. Mesmo Marc BLOCH tentou compreender "Bordeaux et les colonies" (*Annales*, X, p. 96). Nesse domínio, porém, a especialidade crítica recaí incontestavelmente sobre Paul LEUILLOT; e Gabriel DEBBIEN começava a empreender a publicação de seus "estudos antilhanos", alguns dos quais foram objeto de uma reedição em o número 11 dos *Cahiers des Annales* publicado em 1956.

Cone Sul da América do Sul se achou amplificado por uma viagem realizada como conferencista a Buenos Aires, no fim da qual reencontrou Fernand BRAUDEL, em outubro de 1937, de retorno do Brasil.

Mas a América Latina, apesar de tudo, apareceu aos leitores dos *Annales* dos anos 30 apenas como o prolongamento primeiramente da conquista Ibérica e, através dela, como o aprofundamento dos conhecimentos sobre a Espanha moderna. A Espanha, a saber as relações entre economia e história, entre metais preciosos e inflação, entre crise econômica atlântica e Europa contemporânea. Ora, que eram os trabalhos de história econômica sobre a Espanha senão os de Earl J. HAMILTON em 1929? "Os historiadores da economia de minha geração, constatava por exemplo Ruggiero ROMANO, foram impressionados pela geografia publicada há mais de trinta anos por Earl Jefferson HAMILTON reproduzindo as quantidades de ouro e de prata americanas chegadas a Sevilha. Eu não escapei à regra" (10). A regra era de fazer conhecer os trabalhos de HAMILTON, de discuti-los e publicá-los, e os *Annales* disso não se privaram. Na imensa *enquête* sobre "o problema histórico dos preços" que a revista lançava em 1930, graças à colaboração de François SIMIAND, o primeiro artigo de Lucien FEBVRE era consagrado à análise de "American Treasure..." publicado no *Journal of Economic and Business History*, desde o seu aparecimento em 1929. E os comentários sobre "o afluxo dos metais da América e os preços em Sevilha" eram completados no ano seguinte por uma curta nota de apresentação de dois outros trabalhos fundamentais do economista-historiador norte-americano sob o título provocador: "Ouro da América e Capitalismo" (11). As referências aos grandes mestres, Max WEBER, SOMBART, e TAWNEY, apareciam explícitas. Ainda

10) Ruggiero ROMANO: *Les mécanismes de la conquête coloniale: les conquistadores*, p. 135. Paris: Flammarion, 1972, 185 pp. Coll. "Questions d'Histoire" n.º 24.

11) Lucien FEBVRE: "L'Afflux des métaux précieux d'Amérique et les prix à Séville: un article fait, une enquête à faire", *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, 1930, pp. 68-80, apresentado sob a etiqueta "Le Problème historique des prix", p. 67; o estudo de HAMILTON comentado se intitulava: "American Treasure and Andalousian Prices, 1503-1660". Em 1931, a nota consagrada a "Dr. d'Amérique et Capitalisme" (*Annales...*, p. 160) fazia referência a "imports of American Gold and Silver into Spain, 1503-1660" publicado no *Quarterly Journal of Economics* de maio de 1932, e "American Treasure and the Rise of Capitalism (1500-1700)" publicado no mesmo ano em *Economica*. Enfim. "En période de révolution économique: la monnaie en Castille, 1501-1650", *Annales...*, pp. 140-149 e 242-256 (1932).

que fosse com um certo entusiasmo, o ano de 1932 viu os *Annales* publicar dois artigos de E. J. HAMILTON intitulados: "Em período de revolução econômica: a moeda em Castela (1501-1650)". Aquilo que Herbert LUTHY chama "o estudo da passagem (na época da expansão colonial hispano-portuguesa nos séculos XVI e XVII) do Mediterrâneo como área cultural ao estágio da economia mundial" começava então a se elaborar (12). André E. SAYOUS e Albert GIRARD reforçaram seriamente a equipe hispanizante. Mas da Europa, dessa Espanha que Pierre VILAR se preparava para estudar por si mesma, do Portugal e da França, convinha liberar o Atlântico a fim de melhor conhecer esse laboratório americano de metal precioso. O projeto principiava a germinar. Contudo, o trabalho de campo dos anos 30 não se situou nos países mineiros, o México tão perturbado ou o Peru tão longínquo. Os "azares" de uma política cultural marcada pela predominância da América Atlântica do Sul, do Brasil à Argentina, sobre o conjunto do continente "latino", enajaram nossos missionários rumo às terras mais freqüentadas pela Europa "latina" desse período. E brilhantes colaboradores dos *Annales*, veteranos e novatos, foram assim levados a freqüentar São Paulo ou Buenos Aires, regiões pouco propícias à exportação dos produtos minerais. A complexidade das civilizações do açúcar não tardaria por fascinar nossos entusiastas da moeda e dos metais preciosos. E o Brasil abria largamente suas portas à missão universitária francesa da Universidade de São Paulo. Que podia desejar de melhor essa nova escola francesa de história econômica e social que as discussões fundamentais realizadas em torno dos trabalhos de Earl J. HAMILTON, mergulhando as interpretações quantitativistas da moeda no coração dos trabalhos clássicos sobre o mercantilismo, estendidas a outros terrenos de laboratório? Num momento em que a "modernidade do século XVI" (Henri HAUSER) saltava aos olhos dos contemporâneos da crise de 1929, a "preponderância espanhola" sobre a América "latina" que contribuía para eclipsar as diversidades e os contrastes de um continente aparecia questionada em novos debates e combates que buscavam fazer apreciar a riqueza de uma América lusitana, da qual uma parte da *intelligentsia* esforçava-se por descobrir a "brasileiridade" (F. BRAUDEL). "Passado e presente" se juntavam pois nesse novo "campo precioso de ex-

12) Herbert LUTHY: *Geschichte als Funktion der Gegenwart*, in *Der Monat*, pp. 9-13 (1960-1961), n.º 148, pp. 5-17, citado e traduzido por H. D. MANN, *op. cit.*, p. 163.

periências e de comparações" tanto quanto uma política sedutora de relações culturais entre a França e o Brasil se acha instalada no mesmo momento sob o impulso comum de Jean MARX e do psicólogo Georges DUMAS.

No dia 25 de janeiro de 1934 fora criada, com efeito, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O signatário do decreto, o Governador Armando SALLES DE OLIVEIRA, foi aconselhado nesse sentido por um grupo de intelectuais desejosos de fornecer à "sua" cidade os quadros necessários ao desenvolvimento econômico, administrativo e cultural de "seu" Estado. Na verdade, São Paulo atravessava desde alguns anos grave crise de identidade. Tal crise, consecutiva ao craque de 1929, era mesmo tanto mais grave quanto São Paulo acabava de perder sua reconhecida preponderância sobre a direção dos negócios do Brasil após a dupla deposição de Washington LUIS, o Presidente em exercício, e de Júlio PRESTES, o Presidente eleito, por um *putsch* militar que deu o poder a Getúlio VARGAS. A revolta "secessionista" de 1932 acabou de mostrar quanto o tempo da onipotente aristocracia do café havia terminado. Recolhendo a lição política dessa triste experiência, o grupo liberal que gravitava em torno do eminente diretor de *O Estado de São Paulo* decidiu então lançar a carta da "modernidade". Aos seus olhos, essa modernidade só poderia encontrar na Europa suas raízes e os frutos de seu êxito; ela passaria primeiramente por uma reforma de base do ensino, mais particularmente pela criação de um ensino superior deliberadamente novo, fundado sobre uma alta qualidade científica e técnica.

Assim, pois, Theodoro Augusto RAMOS foi enviado à Europa a fim de recrutar um contingente de professores dignos de um ensino superior de que o Brasil era tão tragicamente desprovido. Georges DUMAS foi prevenido por Júlio de MESQUITA FILHO, diretor do *Estado*, da partida de Th. Augusto RAMOS para Roma. Ele conseguiu encontrá-lo a tempo para "colocar" uma equipe de professores franceses, antes de as autoridades italianas terem sido oficialmente contactadas. Desse modo, dos 13 professores recrutados em 1934 por Th. Augusto RAMOS, quase a metade dentre eles foi escolhida por Georges DUMAS; os 7 outros se repartiram entre a nacionalidade italiana (quatro) e a alemã (três). O êxito de Georges DUMAS e de Jean MARX, seu colega e amigo, diretor da Seção das Ciências Religiosas na Escola Prática de Altos Estudos e chefe do serviço de Obras, desde

de julho de 1933, do Ministério das Relações Exteriores, era total. Constituiu o coroamento de uma longa freqüentação de cerca de um quarto de século das elites intelectuais e econômicas do Brasil, seduzidas pela cultura da França "latina", e aparecia como o resultado de uma particular atração de Georges DUMAS por São Paulo e a franja "esclarecida" de sua aristocracia do café. Certamente, nem Georges DUMAS nem os representantes da Embaixada de França no Brasil haviam desprezado o Rio de Janeiro, e a criação de seu Liceu Francês desde 1915 era disso um testemunho. Aliás, a participação, em 1936 de uma dezena de professores franceses dentre os mais eminentes como Henri HAUSER, no ensino da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, criada no ano precedente, foi a consequência direta da operação São Paulo, onde várias cátedras concedidas aos mestres franceses foram além disso duplicadas. A visita efetuada por Georges DUMAS ao Rio e a São Paulo entre julho e setembro de 1935 permitiu mesmo o arranjo de múltiplos detalhes (13). Além disso, nem Georges DUMAS nem Jean MARX haviam tampouco negligenciado o desenvolvimento das relações culturais da França com os outros países da América Latina de língua espanhola. O "Grupo das Universidades e Grandes Escolas de França para as relações com a América Latina", criado em 1908, cuidava bem disso e a tarefa, confiada mais particularmente a Ernest MARTINENCHE, era cumprida com grande atenção quanto à Argentina e ao México. Tal era, aliás, o sentido da viagem de Lucien FEBVRE, em 1937, pelo Rio da Prata. No entanto, a fundação da Universidade de São Paulo permane-

13) Sobre esses diferentes pontos, numerosos testemunhos pessoais nos foram confiados por Mme. Georges DUMAS, M. ARBOUSSE-BASTIDE e M. Pierre MONBEIG. Consultar-se-á aliás com proveito as alusões de C. LÉVISTRAUSS em *Tristes Tropiques*, Paris: Plon, 1955, coll. "Terre Humaine" 490 pp. referentes ao caráter de classe da concepção da política cultural de Georges DUMAS no Brasil, assim como o artigo de P. MONBEIG: "continuité et changement au Brésil", *Revista de História*, pp. 783-790, n.º 101, São Paulo. Esse periódico apresentou dois números fundamentais sobre a influência da escola histórica francesa em São Paulo, por ocasião do 100.º número da Revista: Número Jubilar e Número Jubilar bis (n.º 103). É claro, não se pode deixar de consultar a obra monumental de Fernando de AZEVEDO: *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1964, 803 pp (4.ª ed.), sendo ele um dos conselheiros mais ativos do grupo do Governador SALLES DE OLIVEIRA e Júlio de MESQUITA Filho. Enfim, agradecemos particularmente ao Sr. Júlio de MESQUITA Neto, que nos fez chegar às mãos o conjunto dos artigos de Georges DUMAS publicado por *O Estado de São Paulo*.

ceu como "a grande obra da vida de Georges DUMAS" (Claude LÉVI-STRAUSS) e a descoberta do Brasil por uma plêiade de intelectuais franceses onde os historiadores iriam representar um papel não desprezível, apresentou-se como o ponto forte do contacto cultural entre a França e a América Latina.

A "Escola dos *Annales*" foi diretamente envolvida pela primeira missão universitária francesa enviada a São Paulo desde a criação da Universidade. Todavia, os leitores tiveram que esperar o ano de 1937 para poder ler os primeiros escritos resultantes das missões brasileiras. No primeiro número de 1937, Henri HAUSER — o carioca — evocava simbolicamente "um problema de influências: o saint-simonismo no Brasil" em que a herança de Auguste COMTE era tão cultivada, e, alguns meses mais tarde, Pierre MONBEIG descrevia "as zonas pioneiras do Estado de São Paulo". De fato, Émile COORNAERT, "o primeiro francês chamado a lecionar História num estabelecimento de Ensino Superior brasileiro" (H. HAUSER) havia escrito, desde 1936, um artigo sobre o Brasil, mas o seu "bosquejo da produção histórica recente no Brasil" fora publicado pela *Revue d'Histoire Moderne*. Contudo, Émile COORNAERT já era um colaborador, ligado ao grupo dos historiadores que Marc BLOCH e Lucien FEBVRE haviam juntado. Aliás, não era lógico que colaboradores de uma revista fundada graças à liberalidade do editor Max LECLERCQ que havia analisado tão bem o Brasil no fim do século XIX como correspondente do *Journal des Débats* fossem calorosamente convidados por Georges DUMAS a ensinar em São Paulo?

(14) Este psicólogo francês conhecia muito bem o seu mundo e sobretudo gostava de escutar os conselhos de seus amigos próximos. De sua cátedra de Sainte-Anne ou da Sorbonne, ele havia formado numerosas gerações de estudantes, de Paul ARBOUSSE-BASTIDE a Claude LÉVI-STRAUSS, e, quando estava em dificuldade, não hesitava absolutamente em recorrer junto à direção da Escola Normal Superior, da qual havia sido um brilhante elemento em 1886, condiscípulo de Romain ROLLAND, Léon BRUNSCHWICG, André LALAN-

14) Max LE CLERC: *Lettres du Brésil*, Paris, 1890, 274 pp.; uma tradução brasileira por Sérgio MILLIET foi publicada em São Paulo em 1943 sob o título: *Curtas do Brasil*, col. Brasileira, n.º 215, Cia. Ed. Nac.. Na morte de Max LECLERC (1864-1932), os Diretores dos *Annales* precisaram aquilo que a Revista devia a esse "grande editor" da casa Armand Colin in *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, n.º 16, de 31 de julho de 1932, Ano IV.

DE... Foi, aliás, na Escola Normal que ele encontrou Henri HAUSER, nascido como ele em 1866 mas entrado na Escola um ano mais cedo. E o mundo intelectual desse viveiro da inteligência francesa tornou-se-lhe definitivamente disponível quando os azares da existência fizeram de Aimée PERROT — uma das filhas do célebre historiador da arte e Diretor da Escola — a companheira de sua vida. De fato, Émile COORNAERT havia colaborado nos *Annales* desde 1932 antes de ver publicado, em 1936, quando do seu retorno do Brasil, assinado da Escola Prática de Altos Estudos, um artigo de fundo consagrado à gênese do sistema capitalista em Anvers. Designado para ensinar História em São Paulo, essa escolha se deu em parte em função da defecção de Pierre MONBEIG, contactado desde janeiro de 1934 pela deligência de Henri HAUSER e de Georges DUMAS.

Émile COORNAERT não estava pois preparado para sua empresa brasileira; e de modo algum estava ele disposto a comprometer seus trabalhos com a História do Brasil. No entanto, aquele que ia se tornar um dos membros do Comitê de Apoio dos *Annales*, após a Segunda Guerra Mundial, cumpriu muito bem o seu trabalho. Seu "Aperçu..." atingiu, segundo Henri HAUSER, "o duplo fim a que ele visava: mostrar aos brasileiros que a gente era capaz de se interessar por seus esforços e estabelecer um laço espiritual entre os historiadores dos dois países" (15). Mas, na realidade, tal meta não correspondia de todo à ambição do programa de Lucien FEBVRE. E o seu artigo consciencioso só encontrou eco nos *Annales* em 1948 quando ele comentou uma obra de J. F. de ALMEIDA PRADO a propósito das "origens do Brasil do Norte e do Centro". Um comentário que Fernand BRAUDEL não hesitou em retomar, como o fizera em 1943, à sua maneira, que foi na verdade a dos *Annales*, com a resenha seca e precisa que Émile COORNAERT escrevera de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto FREYRE em seu "Aperçu".

É verdade que muitos acasos haviam contribuído para essa designação de Émile COORNAERT como professor na Faculdade de Filosofia de São Paulo. De fato, Pierre MON-

15) Henri HAUSER: "Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil", *Revue Historique* (p. 86), tome 181, 1937: 85-98; Émile COORNAERT: "Aperçu de la production historique au Brésil", *Revue d'Histoire Moderne*, tome 11, 1936: 44-60; E. COORNAERT et Fernand BRAUDEL: "Aux origines du Brésil du Nord et du Centre", *Annales E. S. C.*, pp. 136-138; F. BRAUDEL: "A travers un continent d'Histoire — Le Brésil et l'oeuvre de Gilberto FREYRE", *Mélanges d'Histoire Sociale*, IV, 1943: 1-20.

BEIG havia sido indicado primeiramente. A jovem esposa de Pierre MONBEIG não era filha de Paul JANET, com quem Georges DUMAS havia percorrido o Brasil em 1925 quando de uma espetacular missão de conferências de professores universitários franceses, e prima de Pierre JANET, o amigo íntimo de nosso conselheiro do Quai d'Orsay sem a ajuda de quem o monumental *Tratado de Psicologia* não teria vindo à luz? Além disso, a companheira de Pierre MONBEIG não tinha trabalhado sob a direção de Henri HAUSER, que nosso geógrafo, aliás, conhecia? Numa palavra, em 1934, posto que solicitado para ensinar História em São Paulo, Pierre MONBEIG declinou do convite e ofereceu seus serviços de geógrafo para a substituição de Pierre DEFFONTAINES, no ano seguinte. Efetivamente, em 1935, Pierre MONBEIG veio para a Universidade de São Paulo em companhia de Fernand BRAUDEL que substituíra Émile COORNAERT; de Claude LÉVI-STRAUSS que se beneficiava com o desdobramento da cadeira de sociologia confiada a Paul ARBOUSSE-BASTIDE, segundo os conselhos prodigalizados por Paul RIVET e H. LEVY-BRUHL, e podia assim ensinar etnologia; do filósofo Jean MAUGUE que sucedeu a Etienne BORNE; e do literato Pierre HOURCADE que prosseguia o trabalho de Robert GARRIC. Esta segunda missão universitária francesa se distinguia da primeira em vários aspectos. Ela era muito mais homogênea e formada de professores jovens, bem no início de suas carreiras. Em 1934, convinha sobretudo realizar uma missão brilhante cujos aspectos de aparato aproximavam-se mais das missões de conferencistas, altamente espetaculares, do que das missões de ensino propriamente dito. Certamente, não era uma missão tão distinta quanto a de 1925 composta dos mais altos dignitários da Universidade, mas os professores enviados a São Paulo eram talentos confirmados. Sobretudo Georges DUMAS e Jean MARX cuidaram para que as convicções ideológicas de seus missionários não perturbassem o meio liberal e católico do paulista "granfino". A representação católica era assim majoritária e a segurança na carreira certa. Mas uma vez realizado o primeiro contacto e seduzida a "clientela", começavam as coisas sérias. Os missionários da segunda onda que iam permanecer por vários anos tinham por tarefa a formação real de jovens estudantes brasileiros saídos das classes médias cujo sangue novo devia permitir que a aristocracia "esclarecida" do café ultrapassasse o quadro estreito no qual havia conduzido sua ação inábil e afirmar assim a potência futura da "modernidade" paulista no coração do Brasil e na escuta da Europa.

Muito mais do que com as convicções católicas, eram pelo menos igualmente com as convicções "liberais" de Júlio de MESQUITA Filho que contava Georges DUMAS. E a difusão de certo "espírito" protestante e de certo espírito "livre-pensador" facilitou a tarefa dos admiradores de DURKHEIM: um neopositivismo adaptado ao espírito científico do século XX reencontrava as raízes de Auguste COMTE no Brasil que vários missionários, não obstante marcados pelo grande choque dos anos 1934-1936 em França, abandonaram para melhor se reconhecer nas idéias socializantes de SAINT-SIMON. As amarras estavam lançadas. O enxerto cultural ia pegar? A transplantação possível ia permitir aos novos intelectuais paulistas forjar as bases da "brasilidade"?

4. — *A concretização dos resultados das missões brasileiras.*

O resultado foi imponente. Fernand BRAUDEL, depois Jean GAGE que o substituiu em 1938, Pierre MONBEIG e Pierre DEFFONTAINES, Claude LÉVI-STRAUSS e depois Roger BASTIDE, que chegou ao Brasil em 1938, fizeram escola, para não falar da influência de Paul ARBOUSSE-BASTIDE no campo da filosofia e das ciências políticas. A "escola" etno-sociológica de São Paulo, a "escola" geográfica e a "escola" histórica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram na verdade criadas por esses professores universitários franceses. Mas o intercâmbio não foi tão desigual como o parece à primeira vista. Pois os derradeiros, de retorno à França, revelaram-se apaixonados por sua experiência brasileira. Já que Henri HAUSER deplorara "a lacuna de nossa informação histórica" a propósito do Brasil, eles se ligaram a preenchê-la de maneira que já não se achem mais apenas em nossos manuais algumas boas páginas sobre as colônias espanholas da América, e o Brasil "despachado nalgumas linhas, por assim dizer em anexos e por descargo de consciência". De São Paulo, o geógrafo Pierre MONBEIG não somente forneceu matéria para publicação nos *Annales de Géographie* mas também nos *Annales* de Marc BLOCH e Lucien FEBVRE. O tempo de seu projeto de tese sobre as Baleares estava muito distante. E mesmo que tenha continuado por acidente a assinar uma resenha sobre a Espanha, Pierre MONBEIG assegurava doravante um direito prioritário ao Brasil. Além das zonas pioneiras do Estado de São Paulo, o leitor francês conheceu graças a ele os trabalhos de J. F.

NORMANO, de Josué de CASTRO, de René COURTIN... O comentário que ele realizou dos trabalhos de NORMANO, intitulado "para compreender o Brasil", correspondia exatamente às esperanças de Lucien FEBVRE "para compreender a América do Sul". (16)

De fato, os anos 1937-1938 foram, para as *Annales*, os anos da descoberta do Brasil. Henri HAUSER, que acabava de fornecer seu ponto de vista sobre o saint-simonismo franco-brasileiro e tinha entregue à oficialíssima *Revue Historique* suas "Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil", voltou à carga nos *Annales* em 1938. O historiador dos preços, do capitalismo e do trabalho não podia deixar de ser levado a refletir sobre as condições de trabalho que tinham sido uma das características do Brasil contemporâneo: o trabalho servil. E essa análise das condições de trabalho no seio de uma instituição recentemente abolida o levava a colocar os problemas presentes da "agronomia" brasileira, das "formas modernas da industrialização agrícola" do Brasil de uma maneira toda particular. Segundo o historiador francês da Universidade do Rio, conferencista do Itamaraty, a "modernidade" do Brasil devia passar por uma solução desse problema "angustiante": "este modo de exploração nascido da escravidão, modelado pela escravidão e cuja força continuou a moldar a civilização rural após a abolição, poderá ou não concordar com as formas evoluídas do capitalismo e do salariado?" E, no ano mesmo em que VARGAS acreditava achar em Roma ou em Berlim seus modelos de conduta, ele concluía: "É uma grande fraqueza para uma democracia não possuir classe camponesa" (17).

Mas se o renome, o prestígio, de Henri HAUSER aí pelo fim de uma carreira exemplar, oferecia em França a descoberta do Brasil, a historiografia francesa encontrou na pessoa de

-
- 16) Pierre MONBEIG: "Vie de relations et spécialisation agricole — Les Bâleares au XVIII^e e siècle", *Annales...*, IV, 1932: 538-548; "La réforme agraire en Espagne", *Annales...*, V, 1933: 541-560; "Les zones pionnières de l'Etat de São Paulo", *ibid.*, IX, 1937: 343-365; "Pour comprendre le Brésil", *ib.*, X, 1938: 476-477; "Coton contre café", *ib.*, X, 1938: 478-480; "Peuplement blanc sous les Tropiques", *ib.*, XI, 1939: 462-463; "Economie ou économies brésiliennes", *ib.*, XIX, 1947: 171-175; "La géographie de la faim de Josué de CASTRO", *ib.*, XX, 1948: 495-500; etc.
- 17) Henri HAUSER: "Naissance, vie et mort d'une institution: le travail servile au Brésil" (p. 318), *Annales...*, 1938: 309-318. Sobre as reflexões brasileiras do professor honorário da Sorbonne, pode-se consultar a "introduction" de Pierre CHAUNU à 3.^a edição de *La Prépondérance Espagnole 1559-1660*, pp. V-XL, e mais particularmente p. XII nota 2, Paris: Mouton, 1973, 594 pp.

Fernand BRAUDEL a jovem esperança que lhe faltava. Em outubro de 1937, Fernand BRAUDEL se preparava para embarcar em Santos de volta para França, tendo expirado o seu contrato com a Faculdade de São Paulo. O acaso lhe fez reencontrar Lucien FEBVRE no mesmo navio. Foi um momento decisivo de sua vida de historiador. "I also made direct contact with Lucien FEBVRE in 1932 and 1933", escreveu ele em seu 'Personal Testimony', "once at the home of Henri BERR (with whom I had been in touch since 1930), once at the Encyclopédie Française, rue du Four, and once at his house, in his house, in his amazing office in the rue Val de Grâce. And then, when I was finally leaving Brazil, at Santos in October 1937, as I was boarding the ship (there were no transoceanic airplanes in those days), I encountered Lucien FEBVRE, who was returning from a series of lectures in Buenos Aires. Those twenty days of the ocean crossing were, for Lucien FEBVRE, my wife and me, twenty days of happy conversation and laughter. It was then I became more than a companion to Lucien FEBVRE a little like a son; his house in the Juras at Souget became my house, his children my children" (18).

Esse encontro foi, portanto, capital; ele se situava no momento preciso em que Fernand BRAUDEL retornava à França depois de ter conhecido uma experiência excepcionalmente enriquecedora: "By chance in 1935, — confessou ele —, I was offered a position on the faculty of São Paulo in Brazil. I found it a paradise for work and reflection. Charged with conducting a general course on the history of civilization, I had attractive students, combative about some things, living close to you, obliging you to take a position on every thing. I spent three marvelous years in this fashion: in winter, during the period of my southern vacations, I was in the Mediterranean; the rest of the year, in Brazil, with leisure and fantastic possibilities for reading. And so I read kilometers of microfilm... (18 bis). Também, desde o seu retorno à França, o antigo aluno de Henri HAUSER que havia começado a refletir em Argel sobre sua política mediterrânea de Filipe II, nos anos 1930, abriu seu horizonte europeu ao horizonte atlântico do Novo Mundo entre 1935 e 1937. E se o essencial de seu *Méditerranée... à l'époque de Philippe II* estava pronto em 1939, a maturação de sua obra "revolucionária" efetuou-se imedia-

18) Fernand BRAUDEL: "Personal Testimony", p. 453, *The Journal of Modern History*, dez. 1972, vol. 44: 448-467.

18) (bis) *Ibidem*, p. 452.

tamente para aquém e para além do ano de 1937 que lhe fez ao mesmo tempo deixar o "paraíso" brasileiro e conhecer verdadeiramente Lucien FEBVRE. Doravante, da Escola Prática de Altos Estudos, Fernand BRAUDEL assegurou sua colaboração apaixonada nos *Annales*.

Desde 1938, ele comentou o estudo de Robert RICARD sobre *les Jésuites au Brésil*; e, longe de se interessar pelos "métodos e pelas condições do trabalho apostólico", ele buscava deliberadamente "o Brasil e suas profundezas continentais". Essa tomada de consciência do "movimento geral" que fez "o Brasil inteiro oscilar nesse momento rumo a suas profundezas continentais", esse movimento que "marca, na verdade, o fim da primeira evangelização do Brasil, mais ainda do que a morte do Padre ANCHIETA, ocorrida em 1597 e escolhida como limite desse estudo", não deixa de nos fazer pensar nessa mutação do pensamento braudeliano que, na mesma época, o fazia passar "dos quadros da história diplomática — de Felipe II —, bastante indiferente às conquistas da geografia... pouco preocupada com a economia e os problemas sociais, assaz desdenhosa em relação aos fatos de civilização, às religiões e... às letras e às artes...", para essa verdadeira vida, fecunda e densa... que lhe fez reconstituir o mapa geral da política mundial da Espanha de que o Mediterrâneo foi apenas um setor" e em que, "com os anos 1580, a força da Espanha" foi de ser "lançada de um golpe rumo ao Atlântico". Em suma, antes de escrever seu *Méditerranée*... as experiências do laboratório brasileiro moldavam sua visão de historiador (19).

Aliás, em 1938, além dos artigos de Henri HAUSER, de Gabriel DEBIEM sobre os plantadores antilhanos, e de Lucien FEBVRE sobre a etnografia mexicana de Jacques SOUSTELLE, os *Annales*, dez anos após sua criação, destacavam particularmente a América Latina. Pierre MONBEIG e Henri HAUSER constatavam o sprogressos dos instrumentos de trabalho que lhe eram consagrados no Panamá como nos Estados Unidos, e a rubrica 'América Latina' da "correspondência crítica" v a se juntarem as assinaturas de Lucien FEBVRE, Pierre MONBEIG e Fernand BRAUDEL. Os primeiros resultados concretos da

19) Fernand BRAUDEL: Prefácio de *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* (p. 15). 2 tomes. Paris: A. Colin, 1966, 2.^a ed. rev. e num; "Les Jésuites au Brésil", *Annales*... (p. 478). X, 1938: 477-478. No mesmo "correio" observa-se uma crítica de Lucien FEBVRE sobre "o trabalho forçado nas colônias espanholas (1482-1550)", e comentários de Pierre MONBEIG "para compreender o Brasil" e "algodão contra café".

"operação Brasil", empreendida por Georges DUMAS, tinham sido, pois, atingidos. Doravante, de Paris, Fernand BRAUDEL ia alimentar regularmente as colunas dos *Annales* com sua prosa "brasilianizante".

Em 1939, ele resenhava diferentes trabalhos e preparava outros estudos que a guerra veio anular. Todavia, em 1943, as *Mélanges d'Histoire Sociale* publicavam sua notável análise da obra de Gilberto FREYRE. O título de seu comentário de 17 páginas era por si só um programa: "Através de um continente de História. O Brasil e a obra de Gilberto FREYRE". Ele revelava o impacto de uma nova concepção do tempo e do espaço na dialética do passado e do presente e mostrava quanto o indivíduo, qualquer que sejam suas possibilidades de ação e de pensamento, se situava recuado face ao "mundo ator", quer fosse o Brasil ou o Mediterrâneo. De fato, o tempo da Liberação ia assistir à eclosão dessa monumental síntese da interpretação hamiltoniana dos metais preciosos e da geo-história de Lucien FEBVRE passando dos horizontes euro-africanos aos horizontes da América e da civilização: em 1947, Fernand BRAUDEL entregava aos *Annales*, novo formato, suas reflexões sobre "Moedas e civilização" — a passagem do ouro do Sudão à prata da América aparecia como um drama do Mediterrâneo em proveito do Atlântico (20). Não era chegado o momento de consagrar doravante os esforços dos jovens historiadores sobre esse Atlântico do segundo século XVI e do trágico século XVII, um Atlântico que de Espanha e de Portugal chegava às Américas Ibéricas?

Conclusão: jovens historiadores para um novo programa.

Ao preparar o excepcional número especial dos *Annales* que devia vir à luz em outubro-dezembro de 1948, Fernand BRAUDEL, tendo chegado à convicção de existência de várias "Américas Latinas" segundo o próprio título do número e as reflexões surgidas de sua questão-programa — "Existe uma América Latina"? —, introduzia sangue novo na equipe dos colaboradores da revista. Aos nomes de mestres já confirmados que eram Paul RIVET e Lucien FEBVRE; aos historiadores bastante conhecidos que eram Emile COORNAERT e ele próprio; aos hispanistas fascinados pela história das idéias da Reforma e da Contra-Reforma que eram Marcel BATAILLON e

20) Fernand BRAUDEL: "Monnaies et civilisations: de l'or du Soudan à l'argent d'Amérique — Un drame méditerranéen", *Annales E. S. C.*, XVIII, 1947: 9-22.

Robert RICARD, ajuntavam-se os dois historiadores que esperavam sua próxima consagração como François CHEVALIER ou Pierre VILAR. E sobretudo se agregavam os jovens historiadores da terceira geração que acabavam de ser iniciados nos mistérios do Mediterrâneo de Carlos V: Huguette BALZOLA, Pierre CHAUNU e Frédéric MAURO encontravam pela primeira vez a América e publicavam seus primeiros trabalhos na prestigiosa Revista. Para bem mostrar que as fronteiras disciplinares não eram admitidas nos *Annales*, F. BRAUDEL fazia apelo à colaboração dos "paulistas" Pierre MONBEIG e Roger BASTIDE assim como do "porteño" Roger CAILLOIS. De fato, a colaboração internacional era inerente à preparação do número. Da Argentina, F. MARQUEZ MIRANDA fazia eco aos mexicanos P. CASANOVA e Silvío ZAVALA. E se o Instituto Francês da América Latina, de recente criação no México, bem merecia estender a sua influência, era para mostrar primeiramente que a operação Brasil em São Paulo não tinha deixado somente a A. de AZEVEDO e J. CRUZ COSTA a tarefa de representar a "latinidade" do Novo Mundo. Essa "latinidade" era, aliás, ampliada ao antigo mundo, pois que V. Magalhães GODINHO irrompia sobre a cena em via direta de Lisboa. Entretanto, curiosamente, a América Andina se achava ausente de toda representação. O esforço organizado no quadro do Instituto Francês de Estudos Andinos, de Lima, só encontrará eco nos *Annales* uma dezena de anos mais tarde. O novo programa dos *Annales* era, aliás, proclamado por Lucien FEBVRE em sua introdução: "Iremos nós esquecer, nós os historiadores do Velho Mundo, que possuímos uma fachada sobre o Atlântico? (...) A considerável importância que representa para nós uma história que é tão europeia, tão largamente europeia quanto poderosamente sul-americana..." aparecia muito bem na lógica das missões e dos intercâmbios universitários entre a França e a América Latina. "Uma história de vaivém" prosseguia com efeito simbolicamente Lucien FEBVRE, "de ações e represálias, de empréstimos e de recusas de empréstimos, de idas aventureiras e de retornos com juros compostos. Um dos primeiros, um dos mais importantes capítulos, já, dessa história das trocas mundiais que cada um de nós começa, em seus sonhos, a elaborar para o futuro próximo" (21). A Espanha e o Atlântico (Sevilha), Portugal e o Atlântico, "a criação e o dinamismo econômico de um mundo atlântico" (V. Magalhães GODINHO), que a

21) Lucien FEBVRE "L'Amérique du Sud devant l'Histoire", art. cit., pp. 389-390.

política do mundo ocidental ia fazer coincidir com os domínios da guerra fria e dos pactos militares, achavam-se em germe. Germes que não puderam se opor à captura da América Latina pela América do Norte, segundo os imperativos do panamericanismo e a regra da "rosa dos ventos" tão notavelmente evocada por André SIEGFRIED (22). No momento em que Lucien FEBVRE descobria pessoalmente a importância do Brasil no mundo sul-americano que tanto o tinha apaixonado por ocasião de uma missão de conferências de três meses, em 1949, nas Universidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, a América Latina que era estudada da Europa, através do Atlântico, escapava à sedução européia para se entregar aos encantos da americanidade continental Norte-Sul. Um trabalho de história da América Latina exigia desde logo um esforço de americanismo oficial que as cadeiras de História da América Latina, recentemente criadas na Sorbonne e em Paris X Nanterre há uma dezena de anos, buscavam intensificar. Mas uma nova política cultural fundada doravante nas realidades das Américas Latinas não deveria ancorar-se na busca de novas elites sociais para contribuir em sua medida, na transformação do campo de experiências? E as novas forças ascendentes de um trabalho internacionalmente dividido não poderiam substituir vantajosamente a elite da aristocracia do café que tanto seduzira Georges DUMAS? A questão merecia ser posta. Ela só apresentaria em si mesma um "inconveniente" de monta: o de questionar a "latinitude" do continente americano, inclusive as formas de sua pluralidade... (23).

Traduzido por
Eduardo Diatlahy Bezerra de Menezes

- 22) André SIEGFRIED: "Le développement économique de l'Amérique Latine" (p. 4), *Revue de Paris*, 54e année, n.º 1, janvier 1947: 3-13.
- 23) Sobre esse ponto cf. R.ROMANO: "Amérique 'Latine'", pp. 165-170 in *Les mécanismes...*, op. cit., e sobre as contribuições da historiografia marxista de inspiração "francesa" concernente às Américas Latinas cf. Guy MARTINIERE: "L. expédition mexicaine de Napoléon III dans l'historiographie française", pp. 170-173 in "L'Historiographie du Second Empire", *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, tome XXI, janv.-mars 1974. No mesmo espírito, pode-se consultar também do mesmo autor: *Contribution à l'étude de l'économie rétrospective du Brésil — Essai d'historiographie*. Paris, 1973, 3 vols. VIII — 476 + 324 (Thèse de 3e Cycle, Histoire, Paris X, 1973, IHEAL) e a comunicação sobre "L'image de l'Amérique Latine dans 'Fermina Marquez'" apresentada no Colóquio Valery LARBAUD et la littérature de son temps, organizado em Vichy de 17 a 19 de junho de 1977, para celebrar o XX.º aniversário da morte do escritor (cujas Atas serão publicadas por Klincksieck editor, Paris, out. 1978).

REVIEW

*A Journal of the Fernand Braudel Center for the Study of
Economies, Historical Systems and Civilizations.*

Editor: Immanuel Wallerstein, *State University of New York,
Binghamton.*

SAGE PUBLICATIONS, INC.
275 South Beverly Drive
Beverly Hills, California 90212 — USA.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS POLÍTICOS

Publicação da Universidade Federal de Minas Gerais

Diretor: Orlando M. Carvalho

Faculdade de Direito (UFMG) — Av. Álvares Cabral, 211 - Sala
1206 — Caixa Postal, 1301 - 30000 Belo Horizonte, MG, Brasil.
